

O GÊNERO *NOTÍCIA* PARA MULHERES: UM ESTUDO DO GRANDE CRONOTOPO

Amanda Maria de Oliveira

Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Florianópolis/SC, Brasil

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar o grande cronotopo do gênero notícia publicado em revistas potencialmente direcionadas ao público leitor feminino adulto. A pesquisa tem como referencial teórico-metodológico os escritos do Círculo de Bakhtin e a Teoria do Jornalismo. O universo de análise é composto por 5 (cinco) revistas virtuais, Ana Maria, Cláudia, Glamour, Marie Claire e Tpm, das quais foram escolhidos 15 textos-enunciados do gênero notícia. No que se refere à metodologia, o trabalho tem como subsídio as diretrizes propostas por Bakhtin e Volochínov (2009 [1929]) no que diz respeito ao método sociológico de estudos da linguagem, nas considerações de Rodrigues (2001) no que diz respeito à análise da dimensão verbal e de Acosta Pereira (2008; 2012) quanto ao estudo da dimensão verbo-visual. Os resultados mostram que o gênero notícia para mulheres é engendrado discursivamente ao processo de desencaxe (GIDDENS, 1991). Ademais, o advento da internet possibilita que as notícias sejam publicadas em revistas virtuais, já que a frequência de circulação das revistas impressas inviabiliza a publicação desse gênero. Esse fato também ressignifica algumas das regularidades do gênero, pois as notícias publicadas em revistas femininas apresentam peculiaridades que não lhes são típicas de acordo com definições trazidas pelas Teorias do Jornalismo, como a preocupação pela novidade e não pela atualidade e a apresentação explícita da opinião da instância midiática.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero notícia; Revistas femininas; Grande cronotopo.

ABSTRACT: This paper aims at analyzing the major chronotope of the discourse genre news published in magazines potentially directed to a female public. The research is based on the studies of Bakhtin Circle and in the Theory of Journalism. The universe of analysis is composed by 5 online magazines, Ana Maria, Cláudia, Glamour, Marie Claire and Tpm, from which were chosen 15 samples of the discourse genre news. Regarding to the methodology, this article is based on the guidelines proposed by Bakhtin and Volochínov (2009 [1929]) about the sociological method, in the discussions of Rodrigues (2001) concerning to the analysis of the verbal dimension and Acosta Pereira (2008; 2012) with respect to the analysis of the verbal and visual dimension. The results show that the discourse genre news for women is discursively engendered to the undock process (GIDDENS, 1991). Furthermore, the advent of the internet enables the publication of the news in online magazines, considering that the frequency of circulation of

printed magazines unfeasible the publication of this genre. This fact also resignifies some regularities of this genre, considering that the news published in female magazines show some peculiarities that aren't typical, as the concern about novelty and not actuality, as well as the explicit opinion of the media instance.

KEYWORDS: Discourse genre news; Female magazines; major chronotope.

INTRODUÇÃO

As revistas destinadas potencialmente ao público leitor feminino foram criadas pelas empresas jornalísticas como recursos pensados para a manutenção da figura feminina no seio do lar, nos papéis de mãe/dona de casa/esposa e limitada à vida privada. De fato, a principal motivação para a criação dessas revistas consistia em ratificar a posição e o papel da mulher na esfera privada, sem qualquer intenção de oferecer possibilidades para sua emancipação. Nessa medida, apesar de algumas publicações voltadas a esse público se colocarem como meios de permitir o acesso à educação, o que, de fato, se propunha claramente nessas revistas era o preparo das mulheres para que a educação dos filhos ocorresse cada vez mais cedo e, portanto, que as mães pudessem atuar na formação de cidadãos cultos, e não que se instruísem, conforme coloca o *Jornal das Senhoras* (1852). Outras publicações enfatizavam a ligação da mulher com o sentimentalismo e a emoção, em contraposição à imagem do marido, sempre racional e autoritário, assim como atribuíam à esposa a responsabilidade de manter a união do lar, conforme as publicações trazidas pela *Revista Feminina* (1914).

Atualmente, de acordo com Lira (2009), a maioria das publicações destinadas às mulheres adultas ainda segue essa proposta de preparação das mulheres para a educação dos filhos, de manter a mulher na esfera privada e de lhe atribuir a responsabilidade de manter a união do lar e de agradar ao marido. Além disso, as publicações femininas atuais são bastante segmentadas e voltadas a públicos cada vez mais específicos, já que podem ser direcionadas às mulheres casadas, às mães de bebês, de meninos ou meninas, etc. Em face dessa relação de proximidade que as revistas necessitam estabelecer com suas leitoras, aquelas se tornam relevante objeto de análise para a compreensão de como essas revistas direcionam suas publicações para os leitores potenciais e, no caso das revistas femininas, para o público feminino adulto. Para tanto, analisamos as notícias publicadas em revistas *online* direcionadas ao público feminino, uma vez que a notícia é um gênero emergente nesse suporte e também está restrito às versões *online* das revistas aqui analisadas. Portanto, o estudo das referidas

publicações se mostra relevante “[...] pelas informações e pressuposições importantes que veiculam sobre a identidade das mulheres na sociedade contemporânea” (HEBERLE, 2004, p. 87).

Com base nessas considerações, o presente artigo tem como objetivo a análise do grande cronotopo do gênero *notícia* publicado em revistas *online* potencialmente direcionadas ao público feminino adulto. Em termos teórico-metodológicos, a pesquisa se ancora (i) especialmente no conceito de cronotopo discutido pelo Círculo de Bakhtin e em pesquisas contemporâneas em Análise Dialógica do Discurso quanto às considerações em torno do conceito de *cronotopo*, bem como (ii) nas discussões empreendidas pela Teoria do Jornalismo, especialmente no que diz respeito ao jornalismo de revista, no jornalismo de revistas *online* e feminino/feminista.

Para o desenvolvimento da presente discussão, organizamos o trabalho em quatro seções: na seção 2, discutimos brevemente o conceito de cronotopo de acordo com o Círculo de Bakhtin; na seção 3, trazemos considerações da Teoria do Jornalismo no que se refere ao jornalismo de revista para mulheres; na seção 4 analisamos o grande cronotopo do gênero *notícia* e, por fim, trazemos nossas considerações finais.

O CONCEITO DE CRONOTOPO NO CÍRCULO DE BAKHTIN

Conforme as discussões de Morson e Emerson (2008), o conceito de cronotopo é trazido por Bakhtin em diversos escritos e discutido à luz do estudo de obras literárias. Em linhas gerais, Bakhtin (2014 [1975]) propõe que o cronotopo diz respeito à relação inseparável entre tempo e espaço. Acerca da questão do tempo, Bakhtin (2014 [1975]) explica que não há apenas uma percepção de tempo e disso decorre que as atividades sociais, as experiências, se definem por diferentes relações espaço-temporais.

A partir disso, Morson e Emerson (2008, p. 384) retomam o conceito de cronotopo e afirmam que este consiste em “[...] uma maneira de compreender a experiência; é uma ideologia modeladora da forma específica para a compreensão da natureza dos eventos e ações”. Se considerarmos que toda relação social acontece num contexto específico, que sempre se concretiza num dado espaço e num dado tempo, os cronotopos diferem pelas relações que as ações e eventos mantêm com esses contextos específicos, assim como pela

forma em que o tempo e o espaço operam dentro deles e “à interligação fundamental das relações temporais e espaciais [...]” (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 211).

Na discussão trazida por Bakhtin (2014 [1975]), há diferentes comparações entre abertura ou fechamento do tempo e sua influência na compreensão da temporalidade humana. Se o tempo é entendido como fechado, o mundo e o sujeito são dados e não há, portanto, criatividade e potencial do devir. Diferentemente, se o tempo é aberto, se há a possibilidade de mudanças, nem o sujeito nem o mundo são dados de antemão. Não há predestinação de todos os acontecimentos e de todas as nossas decisões, de modo que sempre fazemos escolhas e enfrentamos as suas consequências.

Ademais, Bemong e Borghart (2015) explicam que a fluidez tipológica presente especialmente nas “Observações finais”, do texto “Formas de tempo e de cronotopo no romance (ensaios de poética histórica)” de Bakhtin (2014 [1975]), leva os estudiosos a utilizarem diferentes termos para nomearem os cronotopos em diferentes níveis de abstração. Uma dessas nomeações consiste na separação entre cronotopos menores e maiores. Os cronotopos menores são também chamados *motivos cronotópicos* e alguns dos exemplos citados por Bakhtin são o cronotopo do encontro, da estrada, do castelo, do salão, da cidadezinha, do limiar e da praça pública. A interação entre esses motivos cronotópicos dá origem ao cronotopo maior ou dominante, que se caracteriza como espaço unificador desses cronotopos menores.

Se relacionarmos o pensamento de Bakhtin no que diz respeito à relação espaço-temporal com as condições de interação proporcionadas pelo advento da internet, percebemos que essa discussão continua extremamente atual e nos ajuda a compreender como as relações não são fixas ou dadas de antemão, mas sempre se ressignificam a partir das condições nas quais ocorrem. Bostad (2004) explica que o advento da internet¹ possibilitou a ampliação da natureza das relações sociais, especialmente no que diz respeito ao caráter sincrônico, ao mesmo tempo em que permite a criação de novos espaços públicos e privados de encontro, que também podem ser sincrônicos ou não.

O caso das notícias publicadas em revistas *online* é um dos exemplos das possibilidades que a internet trouxe, que constituem um tipo de interação assíncrona, isto é, que ocorre no mesmo espaço, mas em diferentes tempos, uma vez que os participantes não precisam estar reunidos ao mesmo tempo para que a interação aconteça. Além disso,

¹ Tratamos especificamente da ressignificação das relações causada pela internet, mas outros meios de comunicação já antecipavam essas mudanças, embora de natureza distinta.

consideramos as peculiaridades que caracterizam a relação das revistas com suas leitoras, assim como a circulação do gênero notícia nesse suporte, já que, conforme discutimos a seguir, consiste em um acontecimento recente.

Após a precedente discussão do conceito de cronotopo, passamos para a seção seguinte, na qual reenunciamos algumas considerações da Teoria do Jornalismo no que diz respeito ao jornalismo de revistas *online* e ao gênero *notícia*.

O JORNALISMO DE REVISTAS PARA MULHERES

Segundo Scalzo (2003), o principal marco no surgimento e evolução do jornalismo de revista é a constante reafirmação das receitas empregadas pelas editoras na construção dessas revistas. No decorrer de sua história, as revistas mudaram em termos de estilo, design, formato, gêneros publicados nesse suporte, assuntos discutidos e até mesmo os títulos dessas publicações. Assim, é somente em 1731 que começam a surgir revistas mais semelhantes às que circulam atualmente. Especificamente no Brasil, a primeira revista a ser publicada é *As Variedades ou Ensaios de Literatura* (1812), e, apesar de ainda seguir modelos mais antigos, mais parecidos com livros, é um marco no jornalismo de revistas brasileiro.

Ademais, as mudanças sofridas pelas revistas no decorrer de sua história não dizem respeito apenas a questões de formatação, mas também na relação que estabelecem com seus leitores, especialmente por causa da constante segmentação do público e a necessidade de se adaptarem a esses novos leitores. Para Lira (2009), houve a reorganização das empresas de comunicação para atender demandas de públicos particulares e individualizados: enquanto que as primeiras revistas eram direcionadas essencialmente aos homens da elite, as publicações atuais são destinadas a diferentes públicos, leitores de diferentes faixas etárias, de diferentes classes, profissões, níveis de escolaridade e interesses. Entendemos que esse contato entre revista e leitor é constantemente ressignificado porque a relação entre ambos é caracterizada pelo tom da intimidade, uma vez que as diferentes revistas buscam conhecer cada vez melhor seu público e atender as suas expectativas, as quais são ancoradas em valores e ideologias.

No que se refere às publicações destinadas potencialmente ao público feminino adulto, percebemos que essa relação marcada pela intimidade é ainda mais significativa. Isso se dá por causa da tentativa das empresas jornalísticas de colocarem suas revistas como amigas da mulher, a qual não participava da vida pública e estava destinada a cuidar da casa e da família.

Enquanto amigas, as revistas tinham como função aprimorar as habilidades da mulher nas funções realizadas em casa, de modo que, embora algumas publicações tivessem como principal objetivo a ampliação da educação das mulheres, esse ensino não objetivava sua emancipação.

Para Swain (2001), o discurso da tradição no que se refere à imagem de mulher socialmente construída atua de forma emblemática nas revistas não somente nas publicações mais antigas, mas ainda atualmente, posto que pressupõe um público interessado em assuntos específicos, ao mesmo tempo em que traz vozes de autoridades que reforçam a submissão feminina. Por causa da característica dessas publicações, Melo (2006) as define enquanto conformistas e alienantes, apesar de se autodenominarem como modernizadoras. O autor explica que caracteriza as publicações femininas como tal pela intenção que elas têm de sustentar o papel da mulher enquanto mãe, administradora do lar e esposa, pois o incentivo à participação política, às discussões que ganham espaço em veículos relevantes acabariam por ampliar a dimensão do mundo no qual a mulher está inserida e quebrar o isolamento e a obrigação com os deveres que são social e culturalmente atribuídas à mulher adulta. O jornalismo feminino atuaria, segundo o autor, como facilitador da manutenção desses papéis.

Em face disso, a falta de debates políticos e discussões além da esfera privada é sintomática, de acordo com Swain (2001), pela própria concepção das editoras no que diz respeito à capacidade de engajamento das leitoras nessas discussões. Para Lira (2009), as revistas femininas são marcadas pelo interesse pela vida privada, com enfoque educativo, informador e que deve atender às expectativas da feminilidade. Em síntese, as publicações são pensadas com base no que se entende por “ser mulher” atualmente, no consenso do que é de interesse da mulher e que atende às suas expectativas.

Melo (2006) ainda afirma que houve também tentativas de inserir a mulher em discussões públicas por parte de revistas que traziam discursos mais renovadores e que procuravam se distanciar de discursos tradicionais e subjugadores. Entretanto, dificilmente essas publicações conseguiam se manter circulando por muito tempo, já que sempre foram minoria nesse contexto de publicações para mulheres.

Outras, embora se coloquem como independentes e distanciadas dos discursos tradicionais, trazem “mais do mesmo”, isto é, acabam seguindo o mesmo caminho das demais. Por exemplo, Aveiro e Prado (2014) mostram que, embora algumas publicações tenham “como um de seus pontos nodais construir a figura da mulher pós-liberação sexual e

econômica” (AVEIRO; PRADO, 2014, p. 148-149), conforme se propõe a revista *Cosmopolitan*, os autores compreendem que ocorre o fortalecimento dos papéis de gênero naturalizados e que são reforçados no século XXI, por meio de veículos de comunicação e em diferentes espaços sociais. Em outras palavras, algumas revistas que estão em circulação se denominam como desconstrutoras de relações de poder naturalizadas e se colocam em favor da liberação sexual das mulheres, mas, ao mesmo tempo, retomam discursos antigos sob nova roupagem.

Diante do que foi discutido, podemos relacionar as considerações no que diz respeito às revistas voltadas para a mulher moderna com as considerações do Círculo de Bakhtin acerca do *encontro de vozes sociais no enunciado* (BAKHTIN, 2011 [1979]; 2014 [1975]). Percebemos que há o *discurso da renovação*, como publicações que reenunciam discursos de caráter feminista e discussões que almejam ressignificar a imagem de mulher na atualidade, de desnaturalizar a imagem de mulher como mãe, esposa e administradora do lar e que, se almeja ter sucesso no trabalho e construir uma carreira sólida, a vida no seio familiar está fadada ao “fracasso”.

Em contraponto, há o discurso dominante, isto é, o *discurso da tradição*, que busca, de forma velada ou não, manter a condição feminina submissa e se sobrepor a discursos que desconstruam essa imagem de mulher. Ao analisarmos o caminho percorrido pelas revistas femininas desde seu surgimento até sua consolidação atualmente, percebemos que essas vozes da tradição e da renovação não raro se encontram e que o discurso da tradição constantemente se sobrepõe. Considerando as revistas como espaços de encontro de vozes, como meios de consolidação de papéis sociais e as notícias como ratificadoras desses discursos, analisamos, a seguir, o cronotopo do gênero *notícias* para mulheres.

O CRONOTOPO DO GÊNERO NOTÍCIAS PARA MULHERES

Conforme discutido, o cronotopo funciona como porta de entrada para o estudo dos gêneros na medida em que atua como centro de organização dos acontecimentos localizados espacial e temporalmente. Machado (2010, p. 209) afirma que o *continuum* espaço-tempo só pode ser cogitado quando entendido como experiência, isto é, quando a informação do mundo físico se transforma em signo. Nessa medida, tempo e espaço não existem como entidades absolutas, mas são “[...] transformações semióticas de vivências em sistemas culturais produtores de sentido [...]”. Segundo Medviédev (2012 [1928]), as experiências são

distintamente apreendidas pelos diversos gêneros, dado que cada gênero oferece um acabamento temático e essencial distinto do todo, constitui um sistema de meios e de métodos de domínio consciente e de acabamento da realidade. Com base nisso, analisamos o cronotopo do gênero *notícia* à luz de suas condições de interação, sem que a situação social seja esquecida, pois entender o funcionamento dos gêneros envolve compreender a experiência à luz do cronotopo.

A discussão acerca do mencionado *continuum* espaço-tempo pode ser relacionada com o que Bostad (2004) propõe acerca do advento da internet e o surgimento de novas condições de comunicação discursiva, conforme discutido anteriormente. Ele afirma que a possibilidade de publicarmos textos *online* é um fator que modifica as condições de interação social, as quais se ampliam significativamente, uma vez que não necessitamos na concomitância espacial e/ou temporal, ao mesmo tempo em que proporciona a difusão mais ampla e mais rápida das informações, já que a interação via internet pode ser sincrônica ou a-sincrônica, a depender da situação social, do gênero que medeia a interação, das necessidades e objetivos dos participantes, etc. Reiteramos que essas novas condições de interação verbal são de natureza única, uma vez que atribuem novos sentidos ao discurso e ressignificam as condições de leitura e de acesso à informação por parte dos internautas.

Ainda no que diz respeito à ressignificação das possibilidades de interação social, reenunciamos os estudos de Giddens (1991) no que diz respeito ao *desencaixe*. Segundo ele, o *desencaixe* é marcado pela possibilidade de estabelecermos relações sem necessariamente convivermos no mesmo espaço, sendo que essa separação entre tempo e espaço penetra também nas relações sociais fora do espaço virtual, desvinculando-as de seus contextos de presença, ao mesmo tempo em que libera determinado espaço de seus hábitos locais, pois o deslocamento do espaço em relação ao lugar permite um modo de vida moderno e dinâmico, que constantemente se reorganiza.

Além de ampliar as possibilidades de relações sociais, o processo de *desencaixe* causa a dúvida, a incerteza, pois além de não termos conhecimentos plenos e controle sobre tudo que acontece, não podemos presenciar todos os acontecimentos. Em suma, a incerteza leva à constante vigilância reflexiva, dado que os conhecimentos acumulados, especialmente de natureza científica, já não são suficientes para prevermos e quantificarmos o devir. Para Giddens (1991), estamos em contínua atenção acerca do comportamento e do contexto, pois as práticas sociais são constantemente examinadas e reformuladas com base nos próprios

conhecimentos que construímos sobre essas práticas. A reflexão se tornou exacerbada na modernidade, proporcionando a nossa consciência acerca do mundo a nossa volta, bem como as possibilidades de transformá-lo.

Relacionando o conceito de cronotopo, os estudos de Giddens (1991) e as considerações de Bostad (2004) com a proposta do presente artigo, podemos entender que a circulação do gênero *notícia* se justifica pela impossibilidade de presenciarmos tudo que ocorre ao nosso redor e, naturalmente, o que acontece também em espaços que não conhecemos pessoalmente ou sobre os quais temos conhecimentos mínimos, condição essa viabilizada pelo processo de desençaixe. Segundo De Carvalho (2008), a incorporação como esfera comercial do capitalismo e em sintonia com o novo sistema econômico atribuiu ao jornalismo o papel de espécie de narrador do cotidiano. Há o interesse das mídias em se colocarem como “detentoras” dessas informações, embora, de fato, a publicação desses acontecimentos esteja sujeita a diversos interesses da própria instituição jornalística em controlar o que chega ao conhecimento do público e como essas informações são discursivizadas na retomada de vozes outras, revaloradas e reenunciadas em um novo acontecimento. Dito de outro modo, o que as instâncias jornalísticas almejam com essa imagem de possadora das informações a serem divulgadas é que possam controlar o que vai chegar ao seu público potencial, o que esses leitores ou telespectadores irão consumir ou que *não* chegará ao seu alcance. Também há o interesse em controlar *como* as informações são discursivizadas e chegam ao público, de modo que os leitores, no caso das notícias, avaliem as informações de acordo com a posição da própria instância jornalística.

Vale ressaltar que afirmamos existir uma *aura* de imparcialidade nas notícias, bem como a *tentativa* de neutralidade porque, de acordo com Bakhtin (2011 [1979]), não existe enunciado neutro. Por mais que busquemos a imparcialidade no nosso discurso e que sejam usadas estratégias que projetem essas tentativas, como Franceschini (2004) afirma acerca do estilo e da construção composicional do gênero, essa neutralidade dos enunciados não é alcançada, pois somente existe no nível da oração. Desse modo, o que as empresas buscam é se eximirem da responsabilidade pelo que dizem; ao mesmo tempo em que pretendem projetar essa falsa imparcialidade, ratificam dizeres e fatos que atendem aos seus interesses, ao mesmo tempo em que silenciam outros: a *manipulação dos dizeres* não é prevenida pela imparcialidade projetada pelas empresas jornalísticas, mas é cuidadosamente projetada a partir de sutilezas presentes na construção desses enunciados e nos ditos e não-ditos.

No que diz respeito às revistas direcionadas potencialmente ao público leitor feminino, a discursivização de determinadas vozes e o silenciamento de outras são sintomáticos dada a necessidade que as revistas têm em manter a mulher no espaço que lhe é destinado socialmente. Como sabemos, as primeiras revistas eram direcionadas especificamente ao público masculino de elite e envolviam temáticas de interesse desse interlocutor previsto. É somente com a fragmentação e individualização do público que surgem revistas para adolescentes, para meninos, meninas, mulheres, etc., pensadas especialmente para esses leitores e nos seus interesses, preferências que, por sua vez, também são construídos socialmente. No caso da mídia feminina, há um grande interesse em adentrar na vida privada, de se colocar como amiga da leitora, de dar conselhos acerca do seu casamento, da criação dos filhos, de como se comportar socialmente e de manter a boa aparência e, para que isso seja possível, deve haver uma projeção desse público e do que ele espera que as revistas tragam. Essa projeção dos interesses da mulher adulta, casada e com filhos é construída socialmente, uma vez que a discursivização de determinados acontecimentos e o silenciamento de outros são guiados pela antecipação das intenções dessa interlocutora ao buscar essas mesmas revistas. Segundo Melo (2006), existe a tendência, desde as primeiras revistas femininas, de reforçar concepções arraigadas de mulher como mãe/esposa/administradora do lar, sendo que esse interesse de manter a mulher nesses papéis, de acordo com Melo (2006), persiste até os dias atuais.

Devido ao fato de as revistas estarem sempre em sintonia com a sua época e seu tempo, entendemos que as publicações femininas trazem resquícios históricos da *imagem de mulher*² já consolidada desde as primeiras publicações, assim como construções sociais sobre o que é ou não de seu interesse e, à medida que as revistas alcançaram públicos maiores, essa imagem da mulher dona de casa, responsável por organizar o lar, se assentava como verdade, discurso este trazido pelas revistas e consumido pelas leitoras. Ao alcançá-las, as revistas buscam “educar” as mulheres para as tarefas que lhes são atribuídas, já que o interesse primário reside na manutenção da mulher na esfera da vida privada.

Baseamos essa afirmação a partir da análise de publicações veiculadas em revistas antigas e atuais, nos estudos desenvolvidos por pesquisadores como Melo (2006), que busca esclarecer a função primária das revistas destinadas às mulheres, bem como nas considerações de Bakhtin (2011 [1979]; 2014 [1975]) quando o autor explica que sempre temos um

² Para uma leitura da análise das imagens de mulher projetadas nas revistas femininas adultas, conferir Oliveira (2017).

interlocutor previsto para a nossa palavra que, nesse caso, é a mulher adulta, casada, com filhos, que geralmente se dedica exclusivamente ao trabalho doméstico. Ademais, ao direcionarmos nossa palavra para o outro, temos um *projeto discursivo*, que construímos a partir das condições imediatas e amplas de enunciação e se materializa no enunciado. No caso das revistas femininas, a intenção colocada desde seu surgimento era discursivizada nos diferentes gêneros que circulavam nesse suporte, sendo que aqui analisamos o gênero *notícia* publicado em revistas *online*.

Assim sendo, os dizeres que as revistas trazem não estão lá por acaso; já em uma das primeiras revistas voltadas para as mulheres, como o *Jornal das Senhoras*, lançada em 1852, os objetivos primários eram de educar a mãe para que os filhos adquirissem conhecimento e educação. Apesar de ter como proposta a emancipação moral e intelectual da mulher por meio do aprendizado da leitura, essa emancipação da mulher diz respeito à vida privada, restrita à residência e não à ocupação de cargos e conquista de direitos fora do lar. Os textos publicados nessas primeiras revistas abordam questões como moda, romance, poemas, etc. pois se entendia que eles não ameaçariam essas responsabilidades da mulher. O gênero *notícia*, por exemplo, não tem espaço nessas revistas antigas, já que se acreditava que questões da atualidade não eram de interesse da mulher; deveriam circular nos jornais, lidos pela elite masculina.

Na *Revista Feminina* (1918), por exemplo, o fio condutor repousava sobre a defesa dos “bons costumes”, de educar a mulher para que ela pudesse criar cidadãos cultos. Em sua 19ª edição, a referida revista traz, na página 14, o título “Como as esposas devem pensar”, e o longo texto começa com os seguintes parágrafos:

Figura 1



Fonte: <http://200.144.6.120/uploads/acervo/periodicos/revistas/BR_APESP_RFEM_11512019.pdf>. Acesso em 13 jan. 17.

Conforme os dizeres do primeiro e segundo parágrafo, percebemos que *a revista se coloca como controladora do comportamento da mulher*, especialmente acerca de seu comportamento em relação ao seu marido. Logo no título, a posição da revista em relação à mulher fica clara: a de submissa ao marido, ao qual deve respeitar e obedecer sem questionar. No decorrer do texto, o esquecimento das ordens do marido ou sua desobediência por parte da mulher são vistas como falta de juízo, algum comprometimento de natureza neurológica ou pela dispersão do pensamento. Além disso, o texto afirma que, para evitar o aborrecimento do marido e o esquecimento de suas ordens, a mulher deve aprender a pensar segundo a razão.

Com isso, notamos que a mídia feminina é marcada, desde o início, por *posições valorativas* acerca do que se entende por “ser mulher”. De acordo com Bakhtin (2011 [1979], p. 289), “todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. É a posição ativa do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido”. Ademais, Acosta Pereira e Rodrigues (2014) afirmam que todo discurso, materializado na forma de enunciados, se constitui em uma dada esfera social e, portanto, é refratado pela ideologia e sempre valorado. Dessa maneira, os dizeres discursivizados pelas revistas evidenciam uma posição, um ponto de vista acerca da imagem da mulher na sociedade, ao mesmo tempo em que essas publicações se colocam como perpetuadoras dessa imagem.

Ao compararmos as primeiras publicações voltadas para as mulheres com as revistas atuais e analisarmos as notícias publicadas, notamos que as atitudes valorativas acerca da imagem da mulher projetadas pelas revistas antigas se encontram com discursos outros, se tornam cada vez mais veladas, mas ainda estão fortemente presentes. Sabemos que as revistas se atualizam constantemente, de modo que atendam às necessidades e exigências de seu público, pois se reorganizam frequentemente de acordo com o modo de vida dinâmico da modernidade, acompanhando as constantes mudanças culturais, históricas, sob o risco de desaparecerem caso não se atualizem sempre. De modo a se protegerem de questionamentos acerca do que está sendo veiculado (já que dizeres como os da *Revista Feminina* provavelmente seriam questionados atualmente por determinada parcela da sociedade), as revistas buscam ratificar essa imagem da mulher de formas sutis e indiretas.

Movimentos como o feminismo, cada vez mais difundido pela possibilidade de alcance na difusão de informações, contribuíram (e ainda contribuem) para que discursos outros também ganhassem espaço nas revistas voltadas para as mulheres e que concepções naturalizadas da imagem da mulher fossem questionadas. Nesse âmbito, a mídia feminina se

tornou um espaço de enfrentamento de posições, de embate de *forças centrífugas e centrípetas*, pois enquanto determinadas publicações seguem uma linha mais tradicional, seja de forma expressa ou velada, outras buscam atuar de forma contrária a essas revistas ou mesmo apresentam indícios de mudanças no discurso, mas sem se posicionarem explicitamente.

Usamos o conceito de forças centrífugas (BAKHTIN, 2014 [1975]) na análise da publicação de notícias em revistas femininas, pois as revistas não são *a priori* o suporte para esse gênero. Além disso, também entendemos que as forças centrífugas atuam na descentralização do discurso da tradição uma vez que ecoam vozes de estudos e movimentos feministas nessas publicações. Apesar disso, o que, de fato, demarca a orientação valorativa das notícias consiste no discurso da tradição, ou seja, a atuação das forças centrípetas, de discursos machistas e sexistas, que reforçam a posição da mulher na esfera privada, e não objetivam emancipá-la dessas obrigações socialmente construídas e atribuídas às mulheres. Esses discursos são trazidos sempre de forma velada de modo a evitar questionamentos sobre o que está sendo veiculado, além de ser também uma estratégia das próprias revistas de se salvaguardarem de possíveis acusações.

Identificamos essa atuação de diferentes forças nos dizeres que as revistas discursivizam nas notícias e especialmente dos assuntos que recebem atenção nessas publicações. No decorrer da análise, notamos distintos movimentos envolvendo a atuação de forças centrípetas e centrífugas nas revistas que compõem nosso universo de análise. Por exemplo, na revista *Marie Claire*, as temáticas giram em torno de tendências sobre comportamento, sexo, saúde e culinária. Além disso, é mais lida por mulheres que frequentam academias e/ou pretendem realizar algum procedimento estético. Com base nisso, entendemos que essa revista se coloca como uma publicação de cunho mais tradicional, pois o interesse maior incide sobre a cultura da beleza e do cuidado da família.

Sendo assim, notamos que a revista ecoa fortemente o discurso da tradição e, ao mesmo tempo, embora muito sutilmente, traz algumas marcas do discurso da inovação. Observamos que as publicações da revista abordam diversas temáticas, sendo que há grande atenção para tabus, como aborto, estupro, dentre outros, juntamente com diversas matérias e dicas que focam na questão da moda e da beleza. Segundo a análise das publicações trazidas pela versão *online* da revista, há enunciados que reforçam a necessidade de a mulher estar sempre bonita, arrumada e na moda. Por outro lado, também discute temas que até pouco

tempo não circulariam nesses veículos, ou seja, tanto o discurso da tradição quanto os deslocamentos em relação a essas forças atravessam os dizeres da revista, sendo que os discursos tradicionais se mostram dominantes. Um dos enunciados que compõem nossos dados é intitulado “Chega de tabu! Papa Francisco defende a amamentação em público” (MC01) e é reenunciado a seguir:

Figura 2: Notícia MC01

O Papa Francisco fez um pronunciamento importante sobre amamentação em público neste domingo (09), durante uma cerimônia marcada pela presença de mães na Capela Sistina. Segundo o pontífice, as mulheres não precisam hesitar em alimentar os seus bebês dentro das igrejas.

“A cerimônia é muito longa, alguém está chorando porque está com fome. Essa é a vida”, disse. “Você mãe, vá em frente e amamente, sem medo. Assim como a Virgem Maria amamentou Jesus.”

Em um momento em que a amamentação em público ainda é encarada como tabu, o apoio do Papa reforça a necessidade de se naturalizar o ato.

Fonte: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2017/01/chega-de-tabu-papa-francisco-defende-amamentacao-em-publico.html>>. Acesso em 10 jan. 2017.

A notícia traz os dizeres do Papa Francisco, que se coloca em defesa da amamentação em locais públicos, tema que tem gerado controvérsias após estabelecimentos como shoppings e praças de alimentação proibirem que as mães amamentem seus bebês nesses locais. A revista sai na defesa das mulheres e, como voz de autoridade, reenuncia afirmações do papa, referência maior da Igreja Católica. Este, por sua vez, se coloca a favor das mulheres que devem amamentar seus bebês em locais públicos sem serem criticadas. Ao mesmo tempo, há a projeção da imagem de mulher que necessita do “aval” de instituições outras para realizar ou não determinadas práticas, como o exemplo da amamentação em público. Em suma, entendemos que a revista dialoga com o discurso de autoridade (isto é, o Papa), que também funciona como discurso da tradição, para tratar de um tabu, que consiste na amamentação em público e, apesar de abordar um tema ainda polêmico (forças centrífugas), o discurso de autoridade é o da tradição, isto é, os dizeres do representante da Igreja Católica.

Assim como a revista *Marie Claire*, a publicação *Glamour* se coloca como perpetuadora de fórmulas mais tradicionais e de tratamento de temas como vida das celebridades e mundo da moda, se tomarmos como base os slogans publicados pelas editoras e as notícias que veiculam. A publicação em questão explora de forma significativa a temática “beleza”, tendência discutida por Melo (2006) de as revistas abordarem temáticas voltadas apenas para a vida privada, para a individualidade da mulher e esquecerem assuntos envolvendo política, economia, etc. e, conseqüentemente, excluírem as mulheres dessas esferas por não atenderem o preceito básico do jornalismo, isto é, a atualidade.

Ademais, a revista *Glamour* aborda temáticas que vão além dessa atenção focada na vida das celebridades. A notícia GL03, por exemplo, divulga que um motorista de Uber salvou uma adolescente de tentativa de tráfico humano. Ao ser transmitido ao vivo pelo *Facebook*, o fato ganhou notoriedade e logo ocupou espaço na mídia. Percebemos que o discurso que a revista traz sobre si mesma foca na vida de glamour da mulher, de como se torna uma aliada das mulheres para que se sintam bonitas, poderosas, etc., mas não fica restrita a dicas e receitas de como atingir esse objetivo. Envolve também fatos cotidianos e de interesse das leitoras, já que o aplicativo *Uber* é muito usado atualmente e essa notícia alerta para esse e outros possíveis acontecimentos envolvendo o meio de transporte. Entretanto, a tentativa de trazer a atualidade para as revistas femininas se orienta ainda para a discursivização da imagem de mulher que necessita de alguém para protegê-la em momentos de perigo. A figura masculina do motorista que salva a moça do tráfico é sempre tratada como de herói, ao mesmo tempo em que reforça essa imagem historicamente consolidada da fragilidade da mulher, da dependência que ela tem de uma figura masculina e de cuidados do outro para que esteja em segurança. A seguir, apresentamos a publicação em questão.

Figura 3: Notícia GL03

Keith Avila, motorista de Uber, de 34 anos, deixou duas mulheres e uma adolescente em um hotel em Elk Grove na Califórnia, na última segunda-feira, dia 26. Durante o percurso, ouviu as mais velhas comentando que iriam entregar a menina para um homem chamado John em troca de dinheiro.

————— *Leia mais* —————

Jovem denuncia assédio dentro de Uber: "Não podemos continuar sendo vítimas de monstros"

Atento ao crime que estava prestes a acontecer, Keith chamou a polícia, após deixar as três passageiras no local. Quando os agentes chegaram, Keith transmitiu a prisão dos traficantes ao vivo no Facebook, viralizando o caso mundo afora. "[Fox News](#)" repercutiu a notícia nesta sexta-feira, 30.

————— *Leia mais* —————

Como se tornar motorista da Uber, passo a passo

...

Uber dá dicas de segurança após casos de falsos motoristas viralizarem nas redes

No vídeo, o motorista disse que a menina parecia ter 12 anos, mas a polícia confirmou que a idade correta é 16, segundo "NBC Latino". As cafetinas presas são Destiny Pettway, 25, e Maria Westley, 31. Será necessário pagar uma fiança de US\$ 500 mil (R\$ 1,6 milhão). Já a vítima foi encontrada no quarto do hotel de Disney Vang, rapaz de 20, que também foi preso, mas já foi solto.

————— *Leia mais* —————

Motorista de Uber bate carro por cansaço e texto de passageiro viraliza nas redes

...

Mulher escapa de sequestro de falso motorista do Uber, no Rio

Segundo a polícia, a adolescente tinha fugido de casa. Por isso, foi mandada para um "lar alternativo" enquanto procuram os pais ou responsáveis.

Fonte: <<http://revistaglamour.globo.com/Na-Real/noticia/2016/12/motorista-de-uber-salva-menina-de-sequestro-e-traffic-humano.html>>. Acesso em 05 jan. 2017.

Com base na análise das notícias publicadas nas revistas mencionadas, percebemos o enfrentamento de discursos da tradição e da renovação, isto é, dos dizeres que buscam

emancipar a mulher e dos que procuram mantê-la no lugar que lhe foi historicamente atribuído e consolidado. Apesar desse constante *embate*, o discurso da tradição se sobressai, se mostra mais atuante e mais presente, uma vez que é de interesse das instituições jornalísticas que as notícias publicadas não abordem determinadas temáticas (como política, economia, ciência, etc.), e que também não tratem de fatos atuais, mas sim das novidades que possam interessar a essas leitoras. Após a análise do grande cronotopo do gênero *notícia* publicado em revistas femininas *online*, passamos para as considerações finais.

Considerações finais

A partir da análise do grande cronotopo do gênero *notícia*, compreendemos que este nasce a partir da possibilidade de troca de informações sem que haja coincidência espacial ou temporal, isto é, o processo de desencaixe que marca a modernidade tardia (GIDDENS, 1991) oferece condições para que tomemos conhecimento sobre fatos próximos ou distantes de nossa realidade. Com o avanço das técnicas de impressão e aumento da circulação de jornais, bem como a profissionalização do jornalista são fatores que consolidam esse gênero e sua função na esfera jornalística.

Além disso, conforme discutido, as notícias passam a circular em suportes que *a priori* não são marcados pela atualidade, como as revistas. Nas publicações *online*, a circulação do gênero *notícia* é favorecida pela constante atualização dos sites, que não seguem frequências fixas, como ocorre com as revistas impressas, que geralmente são semanais, quinzenais ou mensais. A circulação de notícias em revistas femininas também ressignifica algumas de suas principais características básicas, pois as notícias apresentam peculiaridades que não lhes são características, que são a atualidade, o imediatismo e a impessoalidade. Sobre a atualidade, as notícias para mulheres dão preferência à novidade a trazer fatos mais recentes e em voga. O imediatismo também diz respeito a essa busca por acontecimentos recentes e pela rapidez na sua publicação. A impessoalidade diz respeito à suposta neutralidade buscada pelas empresas jornalísticas, pois comumente jornais e revistas procuram se resguardar de possíveis afirmações que os comprometam, enquanto que as revistas femininas trazem posicionamentos mais marcados e menos modalizados. Nessa medida, percebemos que, em alguns casos, essas publicações estão voltadas para a novidade, e não para a atualidade dos fatos, além de apresentarem explicitamente a opinião da instância midiática.

Ademais, compreendemos que algumas revistas apresentam maior equilíbrio no que diz respeito à publicação do gênero notícia, pois, ao mesmo tempo em que proporcionam maior espaço para a atualidade, lidam com assuntos considerados tabus e que não seriam discutidos dessa forma em revistas do século XX, por exemplo, enquanto outras dedicam menos espaço para a publicação desse gênero e são orientadas pela novidade, não pela atualidade. Essas reacentuações são possíveis pela plasticidade e flexibilidade dos gêneros do discurso, na medida em que ressaltamos sua capacidade de constante reorganização e reelaboração. Além desse fator, a circulação do gênero *notícia* em espaços que historicamente não lhes são destinados ocorre graças aos movimentos que permitem a desnaturalização de concepções arraigadas e que abrem espaço para o questionamento, para o diálogo com discursos outros e para a participação na vida pública (VOLOCHÍNOV, 2013 [1930]).

REFERÊNCIAS

ACOSTA PEREIRA, R. **O gênero carta de conselhos em revistas online: na fronteira ente o entretenimento e a autoajuda.** 2012. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Florianópolis: UFSC, 2012.

_____. **O gênero jornalístico notícia: dialogismo e valoração.** 2008. Dissertação (mestrado). – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Florianópolis: UFSC, 2008.

_____.; RODRIGUES R. H. O conceito de valoração nos estudos do círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, p. 177-194, jan./abr. 2014.

AVEIRO, G.; PRADO, J. L. A. Do par condomínial perfeito à des-ligação: a mulher e seu par nas revistas Nova e TPM. In: COELHO, M. G. P.; FREIRE FILHO, J. (Orgs.). **Jornalismo, cultura e sociedade: visões do Brasil contemporâneo.** Porto Alegre: Sulina, 2014. P. 148-173.

BAKHTIN, M. M. **Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance.** Tradução do russo por Aurora Fornoni Bernardini et al. 7.ed. São Paulo: Hucitec, 2014 [1975].

_____. **Estética da Criação Verbal.** Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1979].

_____; VOLOCHÍNOV. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara F.Vieira. 12.ed. São Paulo: Hucitec, 2009 [1929].

BEMONG, N.; BORGHART, P. A teoria bakhtiniana do cronotopo literário: reflexões, aplicações, perspectivas. In: BEMONG, N. [et al]. **Bakhtin e o cronotopo**, reflexões, aplicações, perspectivas. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. P. 16-33.

BOSTAD, F. Dialogue in Electronic Public Space: the Semiotics of Time, Space and the Internet. In: _____ [et al]. **Bakhtinian Perspectives on Language and Culture**: Meaning in Language, Art and New Media. New York: Palgrave Macmillan, 2004. p. 167-184.

DE CARVALHO, C. A. Reflexividade e Jornalismo: algumas aproximações. **Revista Famecos**, v. 15, n. 36, p. 77-83, 2008. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4418/0>>. Acesso em 04 nov. 2016

FRANCESCHINI, F. Notícia e reportagem: sutis diferenças. **Comum**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 22, p. 144-155, jan./jun. 2004.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

HEBERLE, V. Revistas para mulheres no século 21: ainda uma prática discursiva ou de renovação de ideias. **Linguagem em (Dis)curso**. v. 4. n. esp. p. 85-112, 2004. Disponível em: <<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem/Discurso/article/view/292>> Acesso em 20 maio 2016.

JORNAL DAS SENHORAS: modas, literatura, belas-artes, teatros e crítica. Rio de Janeiro: Typ. Parisiense, 1852-1855.

LIRA, L. C. E. **Como se constrói uma mulher**: uma análise do discurso nas revistas brasileiras para adolescentes. 179 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

MACHADO, I. A questão espaço-temporal em Bakhtin: cronotopia e exotopia. In: DE PAULA, L; STAFUZZA, G. **Círculo de Bakhtin**: teoria inclassificável. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2010. p. 203-234.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução do russo por Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].

MELO, J. M. **Teoria do jornalismo**: identidades brasileiras. São Paulo: Paulus, 2006.

MORSON, G. O cronotopo da humanidade: Bakhtin e Dostoiévski. In: BEMONG, N.; [et. al] **Bakhtin e o cronotopo**: reflexões, aplicações, perspectivas. Tradução de Oziris Borges Filho [et at]. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 118-139.

_____. EMERSON, C. **Mikhail Bakhtin**: criação de uma prosaística. São Paulo: Edusp, 2008.

REVISTA ANA MARIA. São Paulo: Editora Abril, 1996-2015.

REVISTA CLAUDIA. São Paulo: Editora Abril, 1961-.

REVISTA FEMININA. São Paulo; Rio de Janeiro: Virgilina de Souza Salles. jan. 1920 – dez. 1929.

REVISTA GLAMOUR. São Paulo: Editora Globo, 2012-.

REVISTA MARIE CLAIRE. São Paulo: Editora Globo, 1991-.

REVISTA TPM. São Paulo: Editora Trip, 2001-.

RODRIGUES, R. H. **A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo**: cronotopo e dialogismo. 347f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

SCALZO, M. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

SWAIN, T. N. Feminismo e representações sociais: a invenção das mulheres nas revistas femininas. **História: Questões & Debates**, v. 34, n. 1, 2001. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/historia/article/view/2657>> Acesso em 09 jun. 2016.

VOLOCHÍNOV, N. V. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013 [1930].